
NARRATIVAS DO MEDO NAS REDES SOCIAIS: UM ESTUDO SOBRE O MASSACRE DE REALENGO E SUA REPERCUSSÃO NO ORKUT

NARRATIVES OF FEAR IN SOCIAL NETWORKS: A STUDY ON THE REALENGO MASSACRE AND ITS IMPACT ON ORKUT

CARLOS HENRIQUE SCHERRER DE OLIVEIRA¹; RENATA REZENDE²

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Resumo: Esta análise objetiva entender de que forma o discurso do medo é construído pela repercussão de notícias de violência nas redes sociais. A intenção é estudar se e como as reportagens com enfoque em violência, nas mídias tradicionais, repercutem nas redes sociais, constituindo uma cultura do medo própria dessa plataforma digital. Para isso, tomamos como recorte o “Massacre de Realengo” no Orkut.

Palavras-chave: Cultura do medo, violência, insegurança, redes sociais, discurso;

Abstract: This analysis aims to understand how the discourse of fear is built by the impact of news of violence in social networks. The goal is to study whether and how the reports focusing on violence in traditional media impact on social networks, providing a culture of fear that its typical of digital media. This paper studies the impact of the Realengo Massacre on Orkut.

Keywords: Culture of fear, violence, insecurity, social networking, speech.

¹ Aluno do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador/bolsista do Programa de Iniciação Científica da UFES, com o projeto “As notícias de violência e a construção da cultura do medo nas redes sociais”; vinculada à pesquisa “Narrar a si e narrar o outro: a morte, a constituição da memória e os usos narrativos das redes sociais nas mídias tradicionais”. E-mail: carloshenrique-so@hotmail.com.

² Orientadora da pesquisa, professora adjunta do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Doutora pelo programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem mestrado na linha de Novas Tecnologias da Informação, pela mesma universidade. É coordenadora do projeto de pesquisa “Narrar a si e narrar o outro: a morte, a constituição da memória e os usos narrativos das redes sociais nas mídias tradicionais”, na UFES. E-mail: renatarezender@yahoo.com.br.

Introdução³

Seja em casa, na rua ou em qualquer outro local em que há presença dos meios de comunicação, os espectadores têm acesso a notícias da violência cotidiana e podem, com o acesso às redes sociais, colocar suas opiniões na Internet, de modo a demonstrar a repercussão desses acontecimentos em suas vidas.

Dentre outras sensações, o excesso de repercussão destes casos acaba, muitas vezes, por gerar a sensação de medo nos sujeitos. O medo é uma sensação inerente à natureza humana. Em seu estudo sobre a história do medo no ocidente entre os séculos XIV e XVIII, DELUMEAU (2009) escreve que

o historiador, em todo caso, não precisa procurar muito para identificar a presença do medo nos comportamentos de grupos. Dos povos ditos “primitivos” às sociedades contemporâneas, encontra-o quase a cada passo – e nos setores mais diversos da existência cotidiana (2009, pp. 26-7).

Segundo BAUMAN (2008), medo é o nome que damos à incerteza diante de alguma ameaça e do que deve ser feito para enfrentá-la ou cessá-la. O sociólogo também afirma que todos os medos têm origem e significado no medo primal da morte. “Da ameaça de morte não há agora um só momento de descanso. A luta contra a morte começa no nascimento e continua presente pela vida afora” (2008, p. 59).

Nesse contexto, a sensação do medo pertence ao cotidiano sendo, inclusive, pulverizado muitas vezes pelos meios de comunicação de massa. Neste trabalho, analisamos a repercussão noticiosa do Massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo (RJ), fato acontecido no dia 7 de abril de 2011. A partir da busca na comunidade online relacionada a

³ Este artigo é parte de uma pesquisa maior que está se desenvolvendo na Universidade Federal do Espírito Santo sobre o mesmo tema. O principal objetivo do trabalho é verificar como o discurso do medo está presente nas redes sociais a partir da repercussão de notícias sobre violência advindas das mídias tradicionais. Estudando a repercussão das notícias de violência nas redes sociais, pretende-se pesquisar como elas influenciam diretamente a vida dos usuários dessas plataformas, criando o discurso do mal-estar e da insegurança (BAUMAN, 2008) e provocando a visão de um mundo hostil e perigoso (GERBNER, 1994).

este fato com maior número de membros, analisamos de que forma esses discursos do medo estão presentes nas redes sociais e como tais narrativas são constituídas.

Outro objetivo é verificar quais são as principais fontes de informação, enquanto mídias tradicionais – leia-se aqui jornais, revistas, programas de televisão e de rádio – que repercutem tais notícias de violência nas redes sociais. Tal verificação foi feita a partir dos próprios relatos dos usuários das redes sociais.

Redes sociais e internet

Com o passar dos anos a partir de sua invenção, a Internet se tornou objeto de estudo e análise de diversos autores, tamanha mudança provocou na sociedade contemporânea. A comunicação passou a ser mediada pelo computador, trazendo influências para a sociedade e para a vida cotidiana. As comunidades, cujo conceito antes envolvia um espaço físico no que tange à existência, agora tornaram-se virtuais, ou seja, através da Internet as pessoas podem estabelecer relações e formar comunidades. “As pessoas estariam buscando novas formas de conectar-se, [...] já que, por conta da violência e do ritmo de vida, não conseguem encontrar espaços de interação social” (RECUERO, 2009, p. 136).

Mais do que interação, a Internet permite também vir à tona uma cultura da participação, do compartilhamento e da colaboração que já era intrínseca ao ser humano, mas ainda não tinha sido abordada por causa da limitação tecnológica (SHIRKY, 2011). Com seu desenvolvimento, a tecnologia possibilitou a ampliação de nossa capacidade de criar coisas juntos, de doar nosso tempo livre e nossos talentos particulares a algo útil ou não, ou seja, comportamentos de produção e compartilhamento. SHIRKY (2011), em seu livro *Cultura da Participação*, afirma que

[...] as capacidades de uma ferramenta não determinam suas funções máximas. Em vez disso, os usuários podem colocar uma ferramenta em funcionamento de formas que seus criadores jamais imaginaram, e essas novas funções são muitas vezes descobertas e aperfeiçoadas não por um arroubo de

inspiração individual, mas pela exploração e pelo melhoramento feitos por um grupo colaborativo (SHIRKY, 2011, p. 95).

A interação social na Internet muitas vezes se manifesta através das redes sociais individuais. A Internet trouxe a possibilidade de essas redes passarem a ser expostas nos chamados sites de redes sociais, ou redes sociais, como são conhecidas no cotidiano. Segundo a definição de Boyd & Ellison (*apud* RECUERO, 2009), sites de redes sociais são “sistemas que permitem: 1) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; 2) a interação através de comentários e 3) a exposição pública da rede social de cada ator” (p. 102). Dentre os diversos exemplos de redes sociais, podemos citar o exemplo do Orkut⁴, Facebook⁵, Twitter⁶, entre outros. É notável a grande quantidade de sites de redes sociais presentes na Internet, muitas voltadas para públicos específicos.

Independente de já estarem inseridos no “mundo tecnológico” ou ainda em fase de adaptação, muitas pessoas utilizam as redes sociais não apenas como uma oportunidade de conhecer outros sujeitos, mas também de se apresentar a eles e deixar suas opiniões a respeito de determinados temas em fóruns de discussões, comunidades virtuais ou até mesmo em seus perfis digitais. As redes sociais se tornam, então, espaço para as pessoas demonstrarem e reafirmarem também seus medos e inseguranças com relação ao mundo e ao outro.

Mídia e medo

O público está exposto diariamente a uma série de filmes, reportagens, notícias e informações que trazem como assunto principal a violência. De acordo com GLASSNER (2003), as notícias de violência nas mídias tradicionais têm o poder de disseminação da inse-

⁴ O Orkut é uma comunidade virtual criada em 2004. Essa comunidade também pode ser chamada de rede social. Disponível em www.orkut.com. Acesso em: 05/11/2011.

⁵ O Facebook é uma comunidade virtual criada em 2004. Assim como o Orkut, essa rede social funciona através de perfis e comunidades. Sua inovação é permitir que usuários criem aplicativos para o sistema. Disponível em www.facebook.com. Acesso em: 05/11/2011.

⁶ O Twitter foi fundado em 2006, e é denominado um serviço de microblogging, uma vez que permite que sejam escritos pequenos textos de até 140 caracteres a partir da pergunta “O que você está fazendo?”. Disponível em www.twitter.com. Acesso em: 05/11/2011.

gurança e do medo na vida das pessoas: “entre as diversas instituições com mais culpa por criar e sustentar o pânico, a imprensa ocupa indiscutivelmente um dos primeiros lugares” (GLASSNER, 2003, p.33). George Gerbner, pesquisador americano, ressalta, em sua obra, que pessoas que passam muito tempo assistindo televisão têm maior tendência a ter uma visão distorcida da realidade. No caso específico da violência, ao assistir os telejornais, essas pessoas podem acreditar que os índices de criminalidade estão aumentando e superestimar o medo de serem vítimas de crimes violentos (GERBNER, 1994).

Sérgio Adorno (1995), em seu artigo *Violência, ficção e realidade*, demonstra que a “mídia faz uma leitura parcial dos chamados índices de violência, de forma a apresentá-los sempre como em expansão”. No entanto, continua o pesquisador, “se fôssemos comparar os índices de criminalidade com os índices de crescimento populacional, ao invés de crescimento da violência, teríamos até mesmo uma taxa negativa” (ADORNO, 1995, p. 186-187). Apesar disso, “continua existindo na população uma percepção de aumento da criminalidade e, em especial, da criminalidade violenta” (idem, p. 183).

Esse fenômeno, que denominaremos, assim como alguns autores, *cultura do medo*, é gerado e mantido não apenas pela mídia, mas também por todo um sistema em funcionamento, onde políticos e empresas tendem a lucrar com a produção da sensação de insegurança. BAUMAN (2008) defende que

A economia de consumo depende da produção de consumidores, e os consumidores que precisam ser produzidos para os produtos destinados a enfrentar o medo são temerosos e amedrontados, esperançosos de que os perigos que temem sejam forçados a recuar graças a eles mesmos (com ajuda remunerada, obviamente) (BAUMAN, 2008, p. 15).

Assim, como Bauman, GLASSNER (2003, p. 40) reforça: “Muito poder e dinheiro estão à espera daqueles que penetram em nossas inseguranças emocionais e nos fornecem substitutos simbólicos”. Nesse contexto, o medo pode ser percebido também nas redes sociais, através de fóruns de discussões, comunidades virtuais ou até mesmo em perfis digitais de usuários.

A tragédia de Realengo nas redes sociais

Analizou-se o episódio no qual Wellington Menezes de Oliveira, jovem de 23 anos, invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro Realengo, Rio de Janeiro (RJ), no dia 7 de abril de 2011. Wellington, que era ex-aluno da escola, entrou armado e matou 12 adolescentes (sendo dez meninas e dois meninos), feriu mais 12 e suicidou-se após ser atingido pelo tiro de um policial militar. Cartas, vídeos e fotos deixados por Wellington mostram que, quando mais novo, o jovem sofreu *bullying*, o que, segundo as investigações policiais e análises psicológicas feitas após o atentado, provavelmente o motivou a cometer o crime. A mídia denominou o episódio como “Chacina de Realengo” ou “Massacre de Realengo”.

Através de uma pesquisa feita no Orkut⁷, foi escolhida a comunidade⁸ sobre o episódio com maior número de membros inscritos, no intuito de analisar os tópicos⁹ e verificar como os usuários demonstram seus medos e como os expressam, como escrevem sobre eles. O critério utilizado para a escolha da comunidade foi, inicialmente, o número de usuários participantes desta. Para a escolha das comunidades, foram feitas sete buscas, todas colocando no campo “pesquisar”¹⁰ palavras-chaves diferentes. As palavras-chaves utilizadas foram “Realengo”, “Chacina de Realengo”, “Tragédia em Realengo”, “7 de abril de 2011”, “Wellington Menezes” e “Tasso da Silveira”. O próprio sistema de busca do Orkut organiza os resultados encontrados por número de usuários.

A comunidade com maior número de usuários encontrada foi “(LUUTO) Tasso da Silveira.”¹¹(*sic*), com 22.361 membros. Contudo, esta comunidade não pôde ser escolhida, pois, curiosamente, não há nenhum tópico de discussão no fórum da mesma. Por causa disso, partiu-se para a segunda comunidade com maior número de membros, denominada “Crianças

⁷ Confira nota na pág. 4.

⁸ O termo Comunidade é utilizado aqui como os grupos da própria rede social que funcionam como fóruns, com tópicos (nova pasta de assunto) e mensagens (que ficam dentro da pasta de assunto).

⁹ O termo Tópico é utilizado aqui no sentido de nova pasta de assuntos e discussões, que podem ser criados pelos próprios membros das comunidades para iniciar um novo assunto ou discussão ligados ou não ao tema da comunidade.

¹⁰ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch>. Acesso em 05/11/2011.

¹¹ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113175790>. Acesso em 5/11 2011.

de Realengo [LUTO]”¹²(sic), que até o momento da pesquisa contava com 16.847 inscritos. Essa comunidade possui em seu fórum de mensagens 84 tópicos de discussão. Foram verificados todos os tópicos cuja data da última postagem foi até um mês após o ocorrido, ou seja, 7 de maio de 2011. Foram analisados 11 tópicos encontrados, considerados relevantes para o estudo. Primeiramente, notou-se em um dos tópicos como as redes sociais se tornaram lugar onde as pessoas deixam suas impressões e até mesmo revelam sua intimidade e pensamentos, escrevendo sobre seus medos e tristezas, utilizando-as como uma forma de obter ajuda, conforto e aconselhamento. É o caso do tópico “DESABAFEI : NÃO AGUENTEI E TIVE QUE FALAR” (sic), criado em 9 de abril, dois dias após o ocorrido, conforme podemos notar na figura 1.



Figura 1: Tópico “DESABAFEI : NÃO AGUENTEI E TIVE QUE FALAR”

A usuária que criou o tópico escreve sobre várias perdas de entes queridos que vinha sofrendo desde o começo do ano, e comenta sobre a tragédia na escola Tasso da Silveira. Sua

¹² Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113181257>. Acesso em 5/11/2011.

última frase é “Desculpem, mas tive que desabafar”. Verificamos, desta forma, que a usuária compartilhou um sentimento muito partícipa com pessoas desconhecidas. RECUERO (2009) apresenta uma resposta a essa problemática ao explicar o conceito de comunidade, defendendo que a mediação por computador facilita para que os atores demonstrem intimidade e proximidade nas relações, ainda que com desconhecidos. Essa intimidade fez com que a usuária criasse o tópico, mesmo que, como aconteceu, ninguém o respondesse.

Com relação aos usuários expressando seus medos, os tópicos encontrados foram (todos em *sic*) “E eu pensando que estou segura dentro de escolas!”, “E se pega?”, “[URGENTE] OLHA GALERA... NOVA AMEASSA (SOCORRO)” e “Hoje foi um novo recomeço”. Todos esses tópicos apresentaram comentários de usuários que escreveram sobre seus medos, principalmente com relação à segurança das escolas e à possibilidade de que o evento se repita em outros lugares. Também é interessante observar como esse medo é alimentado pelos comentários que vão sendo escritos no decorrer dos tópicos de assuntos.

No tópico “E eu pensando que estou segura dentro de escolas!”, por exemplo, pode-se observar o comentário feito pelo usuário Paulo Henrique B (em destaque na figura 2): “Nos EUA, a um tempo atrás, após um primeiro massacre, houveram outros dois em uma semana” (*sic*).



The screenshot shows a forum thread on the 'Crianças de Realengo [LUTO]' community. The main topic is 'E eu pensando que estou segura dentro de escolas!'. The first comment, by user 'Jaque', is highlighted with a red box. It reads: 'E eu pensando que estou segura dentro de escolas! E o medo aterroriza nós estudantes... Sabemos que adoram copiar atos MEDONHOS das pessoas! Quais medidas vocês acham que as escolas deverão tomar agora quanto à segurança dos alunos, e às pessoas que entram nela?'. Other comments include 'Paulo Henrique B' discussing the need for essential measures, 'Rênon' stating that schools are not safe, 'Tiago' analyzing a case, 'Zora' discussing government institutions, 'LUTOR' paying tribute to victims, and 'IDSTV|-02' discussing police presence and safety in public schools.

Figura 2: Tópico “E eu pensando que estou segura dentro de escolas!”, com comentário em destaque.

Em resposta ao primeiro comentário do tópico, onde a usuária pergunta que ações deveriam ser tomadas nas escolas a partir daquele momento, o usuário cita o exemplo do que aconteceu nos Estados Unidos para reforçar a ideia de que as pessoas devem realmente ter medo e que algo urgente deveria ser feito naquele instante, pois a qualquer momento poderia haver outro ataque a alguma escola, já que nos Estados Unidos ocorreu algo semelhante. Ainda assim, deve-se levar em consideração que o usuário sequer citou alguma fonte, ou informações mais precisas sobre o atentado a que se refere, portanto, torna-se impossível reconhecer sobre que ataque ele está escrevendo, ou mesmo se realmente isso aconteceu. Sendo assim, o comentário toma a forma de um boato para se justificar e propagar o medo da insegurança nas escolas brasileiras.

Outro tópico que expressa a presença do medo é “E se pega?”, no qual o mesmo autor do comentário-boato do tópico abordado anteriormente lança o questionamento aos membros da comunidade (em destaque na figura 3): E se pega? Em alguns países isso acontece com certa frequência... Como não estamos ‘acostumados’ a ver isso, foi uma catástrofe... Mas eu lhe pergunto meus caros.. e se isso pega? =S” (*sic*).

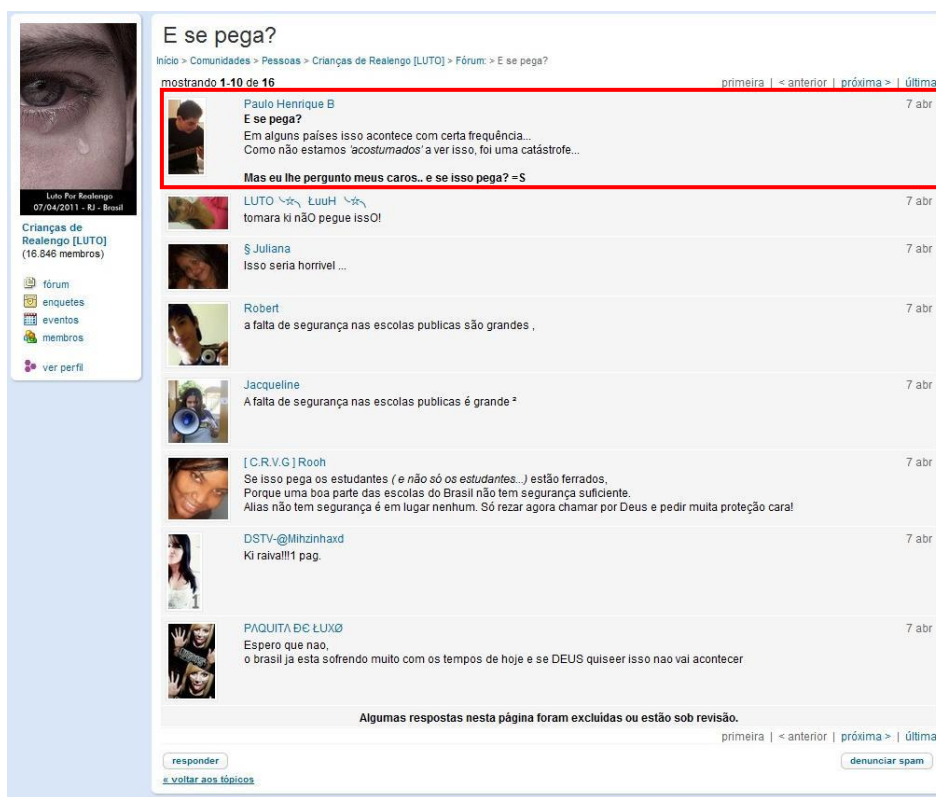


Figura 3: Tópico “E se pega?” com comentário em destaque

Mais uma vez, o usuário se utiliza das características de um boato. É possível perceber que, por causa de seus comentários, ele assume o papel de propagador do medo nos tópicos e/ou na comunidade, ao escrever que em alguns países tragédias como a de Realengo se repetem frequentemente, mas, na verdade, não se propagou na mídia desde então um atentado semelhante a este. Além disso, o usuário também afirma que existem pessoas que estão acostumadas a ver tragédias como essa acontecerem, e, por isso, tais pessoas não tratam essas o-

corrências como “catástrofes”. Percebe-se que o usuário ignora os conceitos de valores-notícia, nos quais tragédias dessa proporção se encaixam, tomando forma em toda a mídia e sendo pauta de discussão em toda a sociedade onde forem noticiadas.

Também é necessário notar que tais comentários reforçam o que BAUMAN (2008) chama de atual crise de confiança. O sociólogo afirma que

A confiança está em dificuldades no momento em que tomamos conhecimento de que o mal pode estar oculto em *qualquer lugar*; que ele não se destaca na multidão, não porta marcas distintivas nem carteira de identidade; e que todos podem estar atualmente a seu serviço, ser seus reservistas em licença temporária ou seus potenciais recrutas (BAUMAN, 2008, p.91).

No tópico “Hoje foi um novo recomeço!”, criado em 18 de abril, a usuária coloca uma notícia sobre a volta às aulas na escola Tasso da Silveira, onze dias depois da tragédia. Apesar de aparentemente ter criado o tópico para que as pessoas colocassem mensagens de força e apoio às crianças que voltavam às aulas na escola, os comentários que se seguiram demonstraram como a insegurança ainda rondava a mente dos membros da comunidade, como é possível verificar nos destaques da figura 4.

(sic)

Bianca

eu nunca mais voltaria pra essa escola

Luna

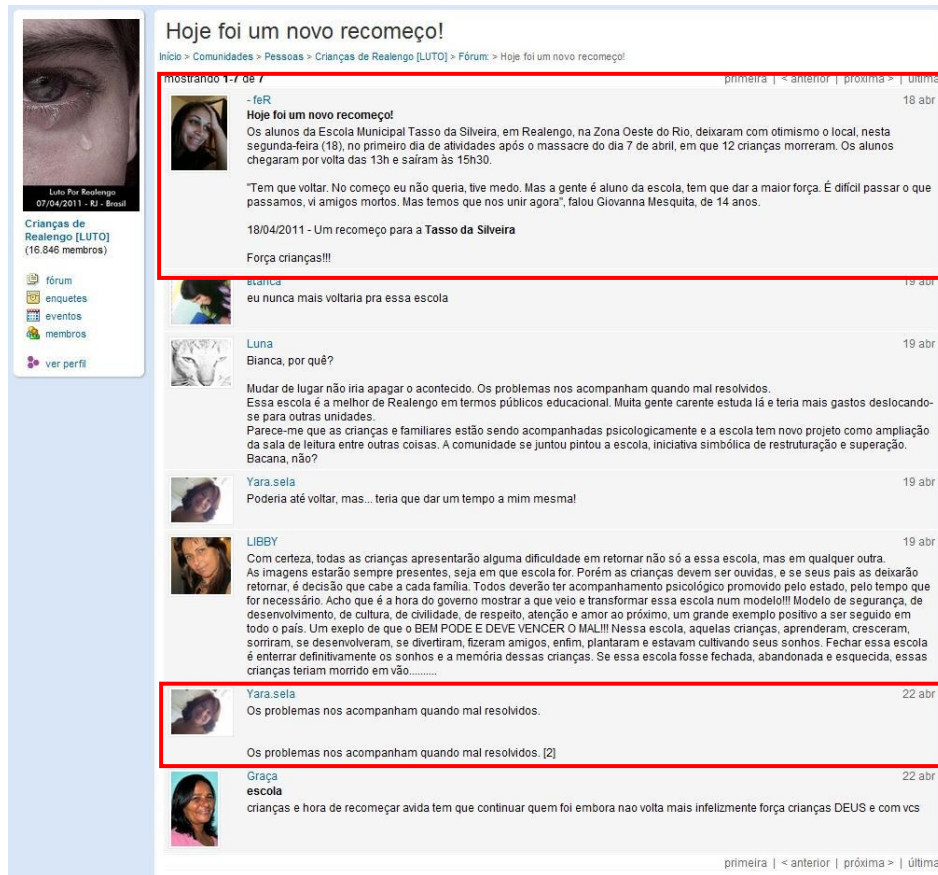
Bianca, por quê?

Mudar de lugar não iria apagar o acontecido. Os problemas nos acompanham quando mal resolvidos.
[...]

Yara.sela

Os problemas nos acompanham quando mal resolvidos.

Os problemas nos acompanham quando mal resolvidos. [2]



The screenshot shows a Facebook forum thread for the group 'Crianças de Realengo [LUTO]'. The main post is titled 'Hoje foi um novo recomeço!' and is dated 18/04/2011. It contains a text post and a photo of a child. The text post describes the school's reopening after a tragedy and includes a quote from a 14-year-old girl, Giovanna Mesquita. Several comments are visible, with two highlighted in red: one from Bianca (19/04) expressing fear of returning to school, and one from Yara.sela (22/04) stating that problems persist when not resolved. The interface includes navigation links like 'primeira', '< anterior', 'próxima >', and 'última'.

Figura 4: Tópico “Hoje foi um novo recomeço!”, com comentários em destaque.

O comentário que se segue ao primeiro demonstra esta última colocação. Mesmo praticamente duas semanas após o atentado, com outras pautas na mídia e na agenda pública, a usuária Bianca reconhece seu medo: “Eu nunca mais voltaria para essa escola”. Mais uma vez, é notável a ação de usuários disseminadores do medo e da insegurança, ao se conferir as respostas ao comentário de Bianca. A usuária Luna, por exemplo, afirma, com seu comentário “os problemas nos acompanham quando mal resolvidos” que, não importa aonde a pessoa for, aquilo que aconteceu vai persegui-la em seus pensamentos. E, ainda, para reforçar essa opinião, outra usuária repete duas vezes a mesma frase.

Por fim, no tópico “[URGENTE] OLHA GALERA... NOVA AMEASSA (SOCORRO)” (figura 5.1), seu criador apresenta dois links: um redireciona o internauta para um perfil

*fake*¹³ de um suposto colega de Wellington, e outro mostra uma imagem de uma conversa, onde esse suposto colega afirmava que faria o mesmo que Wellington. Mesmo sendo um perfil *fake*, e mesmo que isso tenha sido explicado em uma das respostas do tópico, muitas outras respostas indicavam a sensação de insegurança e hostilidade que os usuários sentiam.

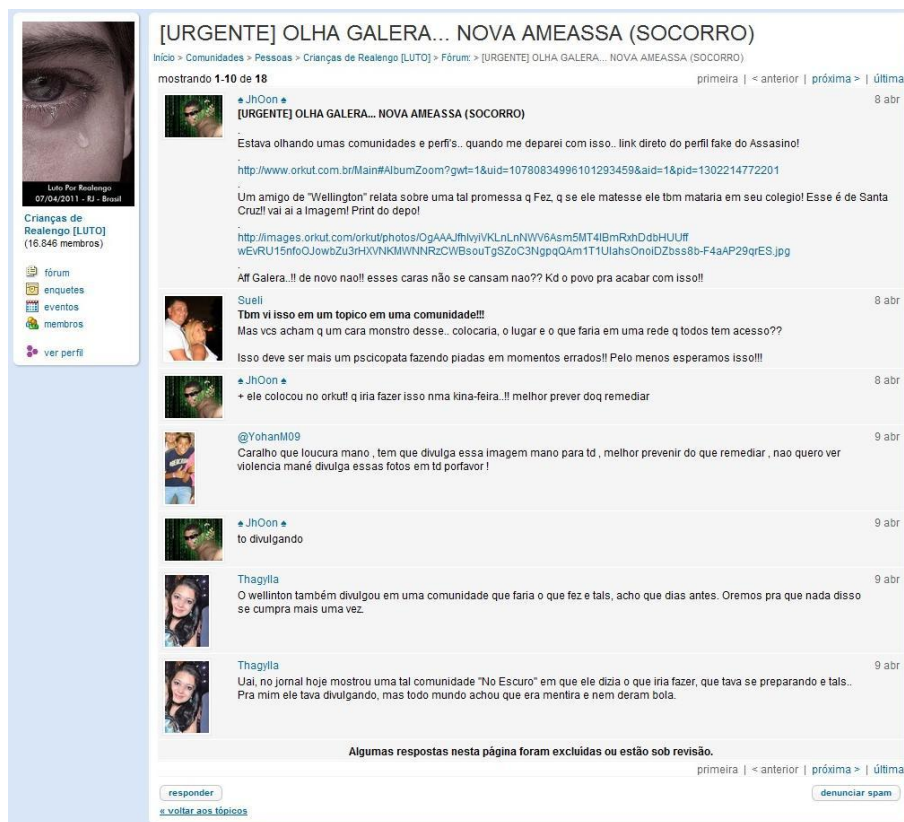


Figura 5.1: Tópico “[URGENTE] OLHA GALERA... NOVA AMEASSA (SOCORRO)” (pág.1)

¹³ Um perfil *fake* do Orkut é aquele em que o usuário não é real, e o perfil não representa quem o indivíduo é na realidade espaço-temporal. Muitos usuários fazem perfis *fakes*, fingindo ser, na rede social, artistas famosos (em homenagem a seus ídolos), animais de estimação, pessoas que consideram seus inimigos (para tentar passar uma imagem ruim da pessoa) e até mesmo personagens de programas televisivos. O perfil *fake* pode ser utilizado também para que indivíduos possam olhar perfis de outros usuários sem serem identificados, embora tal recurso tenha caído em desuso depois que novas configurações de privacidade puderam ser feitas nas contas pessoais dos usuários do Orkut.

Mais uma usuária dissemina o medo no tópico (em destaque na figura 5.2), escrevendo “isso pode virar moda, disse o Wagner montes, e eu concordo, ja vi hj varios loucos em comunidds apoiando esse doido, tbm axo que deveríamos enviar tudo de suspeito para a globo, r7, policia e outros” (*sic*). Para esta usuária, qualquer comentário ou perfil na rede social que apresentar algum motivo de desconfiança deve ser comunicado. Vale notar a ordem em que ela cita, primeiramente, a mídia (Rede Globo e R7, da Rede Record) e depois a polícia, demonstrando como a mídia pauta a agenda de discussão pública e é considerada importante nos casos de violência.



Figura 5.2: “[URGENTE] OLHA GALERA... NOVA AMEASSA (SOCORRO)” (pág.2) com comentários em destaque.

Considerações finais

Dessa comunidade do Orkut, foi possível apreender, através da análise de alguns tópicos, que a cultura do medo faz-se presente nas redes sociais. Esta cultura se manifesta através da propagação do medo em comentários, que confundem-se com boatos, pois, muitas vezes, não apresentam fontes claras sobre o que foi comentado. Também observa-se que as perguntas “E se isso pega?”, “E se for verdade?”, “E se acontecer na minha escola?” são exemplos de comentários presentes nos tópicos que demonstram a insegurança e o medo dos usuários a partir de possibilidades, mesmo que sejam pequenas. Nesse sentido, o medo é propagado como na “vida real” espaço-temporária. Ou seja, pode-se afirmar que esta é uma característica específica da cultura do medo disseminada nas redes sociais, mas configurada fora dela, na sociedade contemporânea.

Além disso, vale citar que verificou-se a presença de um usuário que exerce o papel de propagador do medo, colocando em cheque a segurança da situação, incitando dúvidas nos outros usuários a partir de suas afirmações não comprovadas. Esse usuário é um ator social que faz o papel de disseminador do medo, alguém que lança a desconfiança, fazendo com que o medo e a insegurança se disseminem para além das redes sociais, nas mentes dos usuários que leem os comentários. Desta forma, esse usuário aparece como peça fundamental para o entendimento e estudo da cultura do medo nas redes sociais.

Sobre tópicos que citam a mídia, os usuários não escrevem sobre seus medos nem os relacionam a reportagens que viram, ouviram ou leram. Na maioria dos comentários em que a mídia aparece como assunto, verifica-se que o conteúdo se refere à indignação do usuário ante ao atentado, ou então críticas à cobertura da mídia. Não há citações diretas sobre quais mídias tradicionais os participantes dessa comunidade usaram como principal fonte de informação sobre o caso, embora muitos comentários cite matérias de portais de notícias, principalmente o G1, pertencente à Rede Globo.

Através das matérias da mídia, verificou-se que, pelo menos nesta comunidade e para seus membros, elas não causaram medo, ou, se causaram, isso não foi comentado. Além disso, é possível perceber que tais matérias geraram sensação de indignação e vontade de vin-

gança por parte de todos os usuários, até mesmo tornando-os ou assumindo a postura de julgadores.

Concluimos, por ora, que o estudo das redes sociais associadas à disseminação do medo deve observar certos elementos, como os comentários-boatos e os usuários-chaves que cumprem o papel de propagadores da sensação de medo e insegurança. Sobre o papel dos meios de comunicação de massa enquanto disseminadores do medo através da divulgação de notícias de violência, verifica-se que os usuários da comunidade analisada não reportaram de que meio retiraram suas informações, embora afirmem que acompanhem as notícias divulgadas na televisão e nos portais de mídia. Portanto, vemos que o medo está introjetado nas redes sociais, embora sejam necessários estudos mais aprofundados sobre a influência dos meios de comunicação de massa na cultura do medo disseminada na internet.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Sérgio. Violência, ficção e realidade. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CASTELLS, Manuel. Comunidades virtuais ou sociedade em rede? In: _____. **A galáxia internet**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. pp.145-66.
- GERBNER, George. *Reclaiming our cultural mythology*, 1994. Disponível em: www.context.org/ICLIB/IC38/Gerbner.htm. Acesso em: 10 de maio de 2011.
- GLASSNER, Barry. **Cultura do medo**. São Paulo: Francis, 2003.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- VEJA. São Paulo: Abril, v. 44, n. 15, 13 abr. 2011.